

## AS MEMÓRIAS ANTES DO TEMPO ACELERADO

\*\*\*

## LOS RECUERDOS ANTES DEL TIEMPO ACELERADO

Sheila Dias Maciel<sup>1</sup>

Ana Vera Raposo de Medeiros<sup>2</sup>

**Recebimento do Texto:** 07/11/2022

**Data de Aceite:** 30/11/2022

**RESUMO:** Reflexão sobre duas obras memorialistas brasileiras publicadas em meados do século XX: *Galo Branco* (1948) e *Todos contam sua vida - Memórias de Infância e Adolescência* (1959), dos escritores Augusto Frederico Schmidt e Vivaldo Coaracy, respectivamente, com o objetivo menos de encontrar suas singularidades que compreender a escrita de memórias anterior ao tempo acelerado. Como aparato teórico utiliza-se Sarlo (2005); Jonsson (2004) e Gleick (2000), dentre outros. Ao final, após a reflexão empreendida, compreende-se as obras em diálogo não pela ideia de defasagens de ritmo, mas por serem capazes de lidar com a tradição da escrita em forma de memórias, de modo a construir, sem pressa, a ideia de texto genuíno na tessitura de suas ficções.

**PALAVRAS-CHAVE:** Literatura Brasileira. Memórias. Tempo. Aceleração. Eternidade.

**RESUMEN:** Reflexión sobre dos obras de memorias brasileñas publicadas a mediados del siglo XX: *Galo Branco* (1948) y *Todos cuentan tu vida - Recuerdos de la infancia y la adolescencia* (1959), de los escritores Augusto Frederico Schmidt y Vivaldo Coaracy, respectivamente, con el objetivo de encontrar menos sus singularidades que comprender la escritura de recuerdos antes del tiempo acelerado. Como aparato teórico, se utiliza Sarlo (2005); Jonsson (2004) y Gleick (2000), entre otros. Al final, después de la reflexión emprendida, las memorias se entienden no por la idea de retrasos en el ritmo, sino porque son capaces de seguir la tradición de escribir en forma de recuerdos literarios, para construir, sin prisa, la idea del texto genuino en el tejido de sus ficciones.

**PALABRAS CLAVE:** Literatura Brasileña. Recuerdos. Tiempo. Aceleración. Eternidad.

---

1 Universidade Federal de Rondonópolis - UFR, Rondonópolis, Brasil; Professora Doutora, Titular.

2 Universidade Federal de Rondonópolis - UFR, Rondonópolis, Brasil; Professora Mestra.

## Considerações iniciais

[...]

Trago a doçura dos que aceitam melancolicamente.

E posso te dizer que o grande afeto que te deixo  
Não traz o exaspero das lágrimas nem a fascinação das promessas.

Vinícius de Moraes<sup>i</sup>

Existe, na Literatura Brasileira, uma parcela de obras memorialistas nas quais a ternura própria de uma ideia de velhice serve como motor para as recordações. Ao promover um retorno saudosista, essas obras vêm à tona não sem tristezas ou marcações de perdas, mas com a suave concepção de que envelhecer é uma conquista a ser partilhada.

Na contramão dos modelos memorialistas atuais, escritos em favor do que o filósofo Michel Deguy critica como sendo a “era do testemunho”<sup>ii</sup>, as memórias dos escritores Augusto Frederico Schimdt (1906-1965) e Vivaldo Coaracy (1882-1967), distanciadas temporalmente das palavras de Deguy, proferidas em 2005, contêm uma fórmula diversa, na medida em que não é o *horrrível* nem a pressa que aparecem como tema dessas memórias, mas a constatação da passagem do tempo não acelerado, que hoje nos atravessa.

A ideia de tempo acelerado está ligada aos novos paradoxos da moderna era tecnocrática. Para James Gleick (2000), a sensação que a tecnologia criou gera tensão no tocante ao tempo, gerando a sensação de que a vida anda rápido demais:

A verdade é que vivemos em meio a uma enxurrada de informações e de notícias, no entulho velho e nos brinquedos novos em folha de nossa civilização complexa, e – o que talvez seja de estranhar – quantidade significa velocidade. Os padrões de onda de todos esses fatos e escolhas fluem e chocam-se ao nosso redor a uma frequência ampliada. Vivemos no alvoroço. (2000, p. 17)

Sobre o alvoroço anunciado por Gleick unem-se as ideias de ritmo, adrenalina, aceleração contínua e atordoamento. Para Beatriz Sarlo, em *Tempo*

*presente*, “a aceleração que afeta a duração das imagens e das coisas afeta também a memória e a lembrança” (2005, p. 95). Para a pesquisadora o apreço à memória se desenvolve porque a aceleração produz um vazio de passado, que as operações de memória tentam compensar.

Ainda segundo Sarlo, o novo milênio traz consigo uma contradição: uma mistura de tempo acelerado e de uma memória que tenta lidar com um presente que desaparece “devorando-se a si próprio” (2005, p. 96). Antes desse tempo acelerado, contudo, existiram memórias reflexivas, diversas das memórias presentes na representação literária de hoje. Neste esteio, é nosso objetivo discutir a singularidade das obras *Galo Branco* (1948) e *Todos contam sua vida - Memórias de Infância e Adolescência* (1959) para examinar o modo como os escritores mencionados lidaram com a tradição da escrita em forma de memórias, eternizando o passado ao problematizar, sem pressa, a ideia de texto genuíno na tessitura de suas ficções.

### **Sobre *Galo Branco*, de Augusto Frederico Schmidt**

Foram muitas luas, que tornaram  
Branco os teus cabelos.  
Foram as luas dos primeiros bailes,  
Dos primeiros amores.  
Dos primeiros encontros humildes.  
Foram as luas das vigílias,  
Que te ajudaram a embalar,  
Que te ajudaram a fazer dormir  
Os frutos alheios que amaste,  
com a doçura da tua maternidade irrealizada.  
Foram muitas luas que fizeram assim  
Branco os teus cabelos.

Augusto Frederico Schmidt <sup>iii</sup>

Augusto Frederico Schmidt nasceu no Rio de Janeiro a 18 de abril de 1906 e faleceu, também no Rio de Janeiro, em 8 de fevereiro de 1965. Foi escritor, editor - dono da Livraria Schmidt Editora, no Rio de Janeiro, empresário e poeta, incluído na geração de 30, portanto, na segunda geração do modernismo brasileiro, tematizou, com maior frequência em sua obra poética, a morte, a solidão, a

angústia, a fuga, a ausência e o amor.

Segundo Alfredo Bosi, em *História Concisa da Literatura Brasileira* (2018), “Schmidt foi poeta de inspiração bíblica, mas, diversamente de Jorge de Lima, não assistia nele o dom do verso nítido ou o encanto da imagem plástica. Era difusa a sua fala, romântica a melodia, derramado o estilo.” (BOSI, 2018, p. 373) Se sobre a sua produção poética alguma parte é descrita e discutida, há grande silêncio sobre sua produção em prosa.

Tendo iniciado sua vida literária com a poesia, em 1928, com a publicação do primeiro livro *Canto do Brasileiro*<sup>iv</sup>, Augusto Frederico Schmidt, na fase madura, escreveu dois livros em que relata suas memórias: *Galo Branco - páginas de memórias* (1948), livro em que iremos nos deter, e *As Florestas- páginas de memórias* (1957), obras que abrigam momentos significativos experimentados pelo autor e que estão inextricavelmente ligados aos acontecimentos do Brasil daquela época. No livro *As Florestas*, por exemplo, Schmidt conta sua infância, suas viagens pelo mundo, apresenta suas opiniões sobre escritores, pintores e políticos que conheceu como Cornélio Pena, Graciliano Ramos e Getúlio Vargas.

Em 1930, Schmidt fundou a Livraria Católica no Rio de Janeiro que iria se transformar na Livraria Schmidt Editora, convertendo-se em ponto de encontro dos intelectuais modernistas da época. Como editor, publicou livros importantes como *Casa Grande e Senzala*, de Gilberto Freyre e *Caetés*, de Graciliano Ramos, além de autores renomados como Jorge Amado, Vinícius de Moraes, Raquel de Queirós, entre outros. Como homem de relações, foi amigo pessoal do Presidente Juscelino Kubitschek, sendo o criador do slogan de seu governo : “50 anos em 5”.

O acadêmico Antonio Olinto<sup>3</sup> falando sobre livro aparecido em 2005 “*Quem contará as pequenas histórias? - Biografia romanceada de Augusto Frederico Schmidt*”, das autoras Letícia Mey e Euda Alvim, informa:

Diga-se, antes de tudo, que se trata de um livro necessário. Não só como poeta - embora principalmente como poeta - mas também como empresário e homem público, precisávamos de um levantamento de sua vida, de sua obra e de sua participação na política do País. O brasileiro Augusto Frederico Schmidt começou a aparecer como editor, como integrante de um movimento que revelava nomes até então

desconhecidos. (...) Em 1930, Schmidt começaria a fazer história. Fundou a Schmidt Editora e lançou a nova literatura brasileira. Sem exagero.

Olinto segue elogiando a obra que costura episódios importantes da vida de Augusto Frederico Schmidt, no formato de uma biografia romanceada que focaliza tanto a obra do autor como aspectos da sua vida empresarial, explicando, por exemplo, como Schmidt torna-se o empreendedor de uma rede de supermercado, comentando este que pode parecer um traço antagônico para um homem das artes. Comenta que o livro aborda também os outros e múltiplos *Schmidts*: o homem de ação, o empresário, o político, o poeta.

Olinto localiza nas páginas de “*Quem contará as pequenas histórias?*” episódios que, segundo ele, revelam a importante participação e o registro lúcido da história nacional como em:

Uma das páginas mais fortes do livro de Letícia Mey e Euda Alvim é a que descreve a visita feita por Schmidt ao presidente Getúlio Vargas em 23 de agosto de 1954, véspera do suicídio. O texto é de Schmidt: “A 23 de agosto de 1954, compareci eu ao Palácio do Catete a fim de entregar ao presidente Vargas o relatório da Missão Klein & Saks sobre o problema da alimentação no Brasil. Conversamos também sobre a situação, todos contra Getúlio, o que poderia acontecer? Palavras de Getúlio: “Sei que a situação é grave, mas mesmo assim estou tranquilo. Eu sei o que devo fazer e para onde vou e é por isto que lhe digo que estou tranquilo. Vou numa só direção e para a frente. Quando, enfim, decidimos e sabemos para onde vamos e o que devemos fazer, isso nos tranquiliza.” Schmidt deixou registrado, em diário: “Reservara-me o destino vê-lo, observá-lo, sentir o seu drama no momento em que sua estrela extraordinária se estava apagando...”

Estas informações, ou episódios, estão presentes, juntamente com outras de cunho histórico ou pessoal em *Galo Branco – páginas de memórias*. Lá, Schmidt vai narrar a partir da imagem deste galo que, com seu canto matinal, vai ‘*Tecendo a Manhã*’, conforme o poema de João Cabral de Melo Neto. Desde o frescor daquelas manhãs infantis, Schmidt vai registrar acontecimentos da infância, da vida em família, das viagens, do trabalho, claramente em busca de respostas para as suas

ações e as ações dos que o cercaram, buscando compreender, pela apreensão do passado o *que foi e o que fez* com que ele chegasse, como chega, à fase madura. É com a imagem e as sensações deste canto do galo que a narrativa é iniciada:

Numa pequena e escura prisão cercada de plantas vive, sempre solitário, o Galo Branco. Quantas vezes me esqueço de tudo a olhá-lo, repousando nas horas noturnas, a crista vermelha e intensa caída como um galho pesado de frutos! Que imagens e sensações não palpitarão, contidas nesse bicho misterioso, nesse bicho simbólico que tantos sortilégios e poderes encarnou, e está agora sufocado numa estreita prisão cercada de plantas! (...) És, meu Galo Branco, uma sentinela, uma candeia no escuro, e a tua voz queima. (...) Acordem o meu Galo Branco; do contrário não poderei sair deste silêncio, do contrário adormecerei, e a minha cabeça cansada cairá sobre o silêncio e será levada para o abismo, para o nunca mais e para a morte. (SCHMIDT, 1957. p. 9-12)

É aí também que fica estampada a ideia de que o silêncio do Galo Branco implica silenciar essas memórias que o autor pretende trazer. O que se segue é o exame dos dias da infância que o narrador Augusto Frederico Schmidt traz como se buscasse um refúgio nesta prosa de memórias, ou numa tentativa de se salvar do esquecimento, tanto do vivido como do futuro, salvaguardando as ocorrências em que buscará explicação para a sua vida.

O texto impressiona porque, além da ternura já referida – emanada de um autor que tenciona instruir enquanto conta - é a escrita de quem viveu as experiências apontadas. Experiências que deixaram marcas no escritor, já que compuseram sua história de infância e adolescência. Existe uma particularização dos eventos atravessados que reverberam no adulto que narra:

Este século tinha seis anos quando nasci. Era esse o tempo da segurança, dos direitos adquiridos, o tempo em que tudo se regia pelo princípio da inviolabilidade do ser humano. Depois, veio 1914. Muito criança ainda, lembro-me, porém, desse ano terrível e das suas repercussões próximas, das repercussões da guerra sobre a minha infância. É que, ainda menino, encontrava-me na Europa, vizinho dos acontecimentos. Num internato na Suíça, nessa inesquecível Lausanne, que mais tarde comovidamente visitei, homem

maduro, ressoavam os ecos da tragédia que bem perto se desenrolava (SCHMIDT, 1957, p. 15)

É pelas palavras do próprio Augusto Frederico Schmidt que vemos o homem maduro encontrar-se com a criança que experimentou, ainda que com alguma distância, as agitações da guerra que se fixaram na sua memória. Esse encontro do adulto com a criança é a tradução perfeita do resgate das lembranças que embalam o narrador de *Galo Branco*. Os estudos sobre a memorialística nas narrativas schmidtianas servem para mostrar, todavia, que seu autor não se preocupou apenas em relatar experiências próprias, mas vê-se também o esforço de um autor para que seus relatos pessoais contenham informações capazes de ajudar o leitor a estabelecer relações entre eles e os fatos históricos, os acontecimentos que ele viveu ou aqueles sobre os quais teve notícia ao longo de sua infância e adolescência, estabelecendo assim um discurso historiográfico. De modo literário e poético, no mais das vezes, Schmidt presta seu testemunho terno, apresentando uma visão sobre episódios da história brasileira valendo-se do que registrou na memória.

A obra, que contém as marcas tradicionais da narrativa de memórias, é apresentada por um narrador em primeira pessoa, protagonista, que promove a entrega autobiográfica ao produzir um texto assumidamente confessional. Apesar dessa entrega, filtrado pela linguagem, o texto traz em si uma dualidade: o desejo de narrar-se e a impossibilidade de narrar-se, própria de uma forma narrativa que se desdobra por meio de escolhas, seleções, cortes e pela forma de escrita em prosa literária, ainda que conte uma história por meio de muitas ações que podem ser comprovadas fora do texto, especialmente pelos que viveram experiências vitais semelhantes.

Vazada numa linguagem singular, que se pretende objetiva e se mostra, contudo, adornada pelas possibilidades próprias do literário, a obra divide-se em duas partes, contando a primeira com 51 capítulos - cujos títulos descrevem as ações centrais - e a segunda, com trechos não numerados, nem nomeados, até a página final de número 418. A soma das duas partes tem como resultado a forma de memórias genuínas que se apresenta aos leitores.

O narrador relata, na primeira pessoa, as suas experiências pessoais. O passado é trazido pela memória do narrador que se detém, na primeira parte da

obra, a examinar pessoas e situações de seu passado, mas nem todos os eventos são trazidos com precisão de datas e nomes, acrescentando ao texto aquele mínimo de incertezas causadas pelo distanciamento entre os fatos narrados e o momento distante na qual o memorialista tenta recuperá-los, como é comum nos textos de memórias, ao criar suas autoficções por meio de expressões como “se não me falha a memória”.

Os acontecimentos pretéritos são buscados para explicar o presente. É antes um resgate, tão preciso quanto possível, dos acontecimentos que Augusto Frederico Schmidt considera responsáveis por sua formação social e pessoal. O autor transforma a potência autobiográfica em ato a partir da vontade de registrar o passado para salvá-lo do esquecimento. Essa tentativa de salvação de si e dos que amou serve também para deixar um registro dos hábitos, costumes e traços da sua vida.

Como memórias, trata-se de uma narrativa retrospectiva, com claro avanço dos episódios ao longo do tempo. Há uma sucessão cronológica na exposição das cenas, desde o nascimento do autor: “Este século tinha seis anos quando nasci. Era esse o tempo da segurança, dos direitos adquiridos, o tempo em que tudo se regia pelo princípio da inviolabilidade do ser humano” (SCHMIDT, 1957, p. 15). Nessa perspectiva, não ele próprio, mas as pessoas de seu entorno familiar e social, bem como os fatos descritos, representam valores positivos (amor, dedicação, honestidade) que são largamente pontuados como exemplares. O produto/constructo que narra, dessa forma, é composto do que foi e do que viveu, numa clara tentativa de salvar-se da morte. Diz o autor: “Pedem-me que responda a um inquérito, dando as razões por que escrevo. (...). Minha ambição de ser um escritor se justificava outrora, na infância, pelo desejo de defender da morte seres e ambientes que eu amava” (SCHMIDT, 1957, p. 367).

Sobre a própria escrita das memórias, o narrador indaga: “Que interesse poderão ter essas notas? – indago de mim mesmo sempre que me disponho a escrevê-las. Serão traços, sinais de que andei por este mundo” (SCHMIDT, 1957, p. 401). Essa reflexão está inclusa na segunda parte da obra, quando o sujeito toma ciência de si mesmo e há uma compreensão sobre si no presente, quando as avaliações sobre “o mundo” e seu “estar nele” são declaradas. Há, então, um desvelamento do ser e a todo tempo o autor revela sentimentos e opiniões sobre si

e sua (con)formação social e pessoal. É marcadamente na segunda parte do livro que as considerações do narrador apresentam os pensamentos e sensações de um homem de seu tempo com valor universal.

Como exemplo de memórias, portanto, *Galo Branco* contém reverências a pessoas, costumes e experiências mais solidárias, que são uma forma de sacralização do passado, ao confirmar, num tempo menos medido por sua própria escassez que pela viabilidade de suas efetivas realizações, as experiências humanas tornadas como tributos do tempo vivido.

### ***Sobre Todos contam sua vida – Memórias de Infância e Adolescência***

A obra *Todos contam sua vida*, de Vivaldo Coaracy, foi publicada em 1959, quando o engenheiro, jornalista e escritor, aos setenta e sete anos, depois de longa trajetória de publicações, transforma, em ato de escrita, a potência autobiográfica que traz consigo. Nessa perspectiva, a escrita de memórias parece ligada a certa época da vida, aos instantes finais, quando urge que a lembrança (res)surja e (res)signifique o vivido, restando a impressão de que a matéria rememorada é, pelo seu caráter de exemplaridade, uma espécie de lição a ser deixada, uma herança universal de feição didática, uma tentativa de salvar-se do esquecimento, inscrevendo num tipo de eternidade, aquilo que foi experimentado, pensado, sentido, sofrido ou apreciado pelo memorialista e que ele conclua, ternamente, que deva ser legado ao futuro.

Nas palavras de Vivaldo Coaracy, a “ereção de um livro de memórias” permite que o autor revele sobre si, informe seu pertencimento a grupos, instituições etc. ou silencie - no que o silêncio ainda pode comunicar sobre aquilo que é silenciado, ou escondido - fatos, histórias, experiências, trechos da vida que interessem (ou não) ao autor contar. Às vezes por considerar algo de sua vida ‘notável’ – e contável –, às vezes por imodéstia, outras vezes, ainda, pela vontade de deixar registrada uma história que tende à dispersão, ao silêncio, ao esquecimento, é que o memorialista se lança na empreitada de percorrer os espaços da lembrança.

É pretencioso e, frequentemente, desnecessário estabelecer ou supor as razões para a escrita das narrativas de memórias. Satisfaz-nos o fato de que,

assim como as autobiografias, as páginas de memórias foram escritas e publicadas permitindo nosso acesso a elas. Suas páginas revelam experiências ricas que só podem ser usufruídas assim, pela leitura reflexiva e silenciosa das vidas – antes secretas, anteriores ao conceito de intimidade<sup>v</sup> apresentado por Paula Sibilia, que são ali reveladas.

Vivaldo Coaracy nasceu na cidade do Rio de Janeiro, em 25 de novembro de 1882, sendo filho único de pais influentes no cenário artístico da época. Seu pai foi José Alves Visconti Coaracy e sua mãe Corina Alberta de Vivaldi Coaracy, ambos escreviam e fomentavam as atividades artísticas cariocas. Como seu pai assinasse suas obras como “V. Cy” (Visconti Coaracy) e sua mãe, talentosa escritora, mas, especialmente importante jornalista, também empregasse sigla parecida “C. Cy” (Corina Coaracy), numa homenagem a ambos, Vivaldo Coaracy adota, numa espécie de herança, o nome com que passa a assinar sua obra - V. Cy. Vivaldo perde seus pais em eventos muito tristes e temporalmente próximos, quando contava apenas 10 anos de idade.

Ao longo de sua vida adulta figuram artigos, romances e narrativas de memórias. Os títulos *O Perigo Japonês* (série de artigos para o Jornal do Comércio), *A Rampa* (romance), *Frida Meyer* (novela), *Problemas Nacionais*, *O Rio de Janeiro no século 17*, *Memórias da cidade do Rio de Janeiro*, *Todos contam sua vida - Memórias de Infância e Adolescência*, *Couves da minha horta* (reunião de crônicas), *Pôr do sol na Ilha* (crônicas), *A viação férrea no Brasil*, *O caso de São Paulo*, *O contador de histórias* (crônicas), *Cata-vento e Paquetá* (Imagens de ontem e de hoje), entre outras produções e várias traduções, ilustram tanto o interesse jornalístico como a fixação pelos lugares em que viveu, especialmente a cidade do Rio de Janeiro e, depois, a ilha de Paquetá/RJ, onde morreu aos 85 anos, em 1967.

O livro *Todos contam sua vida - Memórias de Infância e Adolescência*, foi lançado pela livraria José Olympio Editora, no Rio de Janeiro, quando o autor contava 77 anos e já havia registrado parte de suas memórias em livros anteriores, apresenta a seguinte pergunta em seu prólogo: Por que mais um livro de “Memórias”? Prosseguindo nas explicações encontradas para esta questão, Coaracy responde, entre outras coisas, e de forma algo poética que, tendo atingido o ocaso da vida, o que nos cabe é recordar:

Quando se chega ao ocaso de uma existência longa, como esta que me foi dado viver, não há mais esperanças, desejos ou ambições que nos incitem a olhar para o curto amanhã diante de nós. Volvemos instintivamente a vista para o passado, reconstituindo a estrada percorrida, recordando dos passos da jornada extensa. Envelhecer é cultivar saudades. (COARACY, 1959, n.p.)

Percebe-se que o verbo envelhecer está atrelado a “reconstituir”, “recordar”, “cultivar”. São ações que demandam tempo livre, ações para serem realizadas numa escala humana anterior ao nanossegundo ou à sensação que a tecnologia criou de que a vida anda rápido demais e que a aceleração contínua é a única saída. É ainda neste prólogo que o autor informa que algumas “couves” daquela horta - menção ao livro de crônicas anterior, reaparecerão neste livro, já que aquele está esgotado e alguns dos episódios lá expostos caberiam bem aqui. Nesta sequência ainda e, também, sobre as razões que o moveram à escrita desta obra, Vivaldo Coaracy revela:

Nestas horas crepusculares, não tendo mais que olhar para o futuro, volve o homem os olhos para o passado. Já o escrevi ali em cima, mas não faz mal repetir. Repetir-se é vício próprio da velhice. Um deles. Pergunta o indivíduo a si mesmo: Que fiz eu da minha vida? Quais foram os elementos, as experiências, os encontros a concorrer para fazer de mim o que fui e o que sou? (COARACY, 1959, n.p.)

Dizendo isso, Coaracy apresenta as motivações que, com maior frequência, levam alguém a escrever suas memórias, quando genuínas, quais sejam: a tentativa de voltar ao passado para compreender o presente, conjugada com a vontade de salvar-se para o futuro, ou, de algum modo, subsistir ao esquecimento.

Assim, o que ele nos apresenta é uma narrativa retrospectiva, retomando um passado distante do qual provem a própria narrativa. Encadeando coerentemente episódios pretéritos, atesta que os esquecimentos e as lacunas da memória são razões que amparam a decisão de lembrar. Suas memórias haverão de ter um caráter exemplar, revelando um indivíduo que é também um ‘porta voz’ de seu tempo e dos acontecimentos que o trouxeram e o perfizeram até o momento presente da escrita.

Assim, a ternura e a eternidade ligam-se ao que chamaríamos de *memórias genuínas* configurando-se como narrativas que se caracterizam por uma relação efetivamente estabelecida entre aquilo que é narrado e a história de vida do autor da obra. Ideia que se opõe à noção das *memórias ficcionalizadas*, situação em que o teor de uma narrativa pretérita não se apoia no vivido, no experimentado, mas na elaboração ficcional de um tempo e de uma vida que se cria e se conta.

Outra distinção oportuna sobre as *memórias* é a que vem apresentada pelo educador e pensador Rubem Alves em seu *O velho que acordou menino* (2005), livro que narra sua memória de velho, evocando fatos passados, contando histórias da sua vida e de outros, explicando que “*Memória é onde se guardam as coisas do passado*” (2005, p. 13) e distinguindo tipos de memórias:

Há dois tipos de memórias: memória sem vida própria e memória com vida própria. As memórias sem vida própria são inertes. Não têm vontade. Sua existência é semelhante à das ferramentas guardadas numa caixa. Não se mexem. Ficam imóveis nos seus lugares, à espera. À espera de que? À espera de que as chamemos. [...]. Essas memórias são muito importantes. Sem elas não poderíamos nos virar na vida. Estaríamos sempre perdidos. As memórias com vida própria, ao contrário, não ficam quietas dentro de uma caixa. São como pássaros em voo. Vão para onde querem. E podemos chamá-las que elas não vêm. Só vêm quando querem. Moram em nós, mas não nos pertencem. O seu aparecimento é sempre uma surpresa. É que nem suspeitávamos que estivessem vivas! A gente vai calmamente andando pela rua e, de repente um cheiro de pão. E nos lembramos da mãe assando pães na cozinha. (ALVES, 2005, p. 13 - 14)

O primeiro tipo de memórias, segundo o autor, é composto pelos conhecimentos que usamos para acessar informações gerais, para saber nomes, datas, endereços, ou seja, formadas por dados básicos adquiridos ao longo da vida. Já as memórias com vida própria, vêm quando menos esperamos, não sendo nem programadas nem programáveis, mas ocorrendo ao sabor do tempo, dos acontecimentos próprios da vida e do seu ritmo inesperado.

Também sobre essa dupla natureza dos textos de *memórias*, Ecléa Bosi afirma que:

O passado conserva-se e, além de conservar-se, atua no presente, mas não de forma homogênea. De um lado, o corpo guarda esquemas de comportamento de que se vale muitas vezes automaticamente na sua ação sobre as coisas: trata-se da memória-hábito, memória dos mecanismos motores. De outro lado, ocorrem lembranças independentes de quaisquer hábitos: lembranças isoladas, singulares, que constituiriam autênticas ressurreições do passado. (BOSI, 1994, p. 48)

Essas distintas formas da memória, apontadas por Rubem Alves e Ecléa Bosi, são acionadas de modos e de lugares diferentes, mas são igualmente importantes para a recuperação de informações e comportamentos que nos fazem decidir diante de várias (de todas as?) situações ao longo da vida: desde o que falar, como apresentar argumentações, passando por que caminho escolher para cumprir determinado trajeto, até às escolhas morais que fazemos, em tudo age a memória, ou as memórias - as de vida própria ou as inertes, como as de hábito ou aquelas de ocorrência repentina.

As (e)ternas memórias daqueles que se propõem a contar o passado, suas histórias de vida, são formadas por várias memórias ativadas ao longo desse narrar-se. Boa parte do que é rememorado, o é pelo contato com o que o presente a aciona. São as conversas com amigos, com familiares, com as pessoas que partilharam os “velhos tempos” conosco que nos fazem lembrar. As histórias de vida estão guardadas na memória dos que já viveram bastante, e são reflexos diretos da memória coletiva de um grupo a que pertencem/pertenceram seja o grupo familiar, escolar, profissional, religioso, enfim, algum aspecto deste homem inscrito num tempo histórico e social.

No início do século XX, o sociólogo Maurice Halbwachs apontou caminhos diferentes para as concepções conhecidas a respeito da memória, sendo o responsável pela fundação do campo de estudos sobre a memória na área das ciências sociais.

Da percepção anterior de que a memória valia-se exclusivamente da experiência pessoal de cada indivíduo, passa-se, com os estudos de Halbwachs<sup>vi</sup>, a pensar nos fatores sociais como elementos fundamentais da construção das memórias que contém grande parcela de concepções dadas pela coletividade, pelas experiências comuns a grupos que são, várias vezes, compartilhadas. A partir dessa noção de memória coletiva, é lícito dizer que as memórias pessoais, ou

individuais serão percepções, ou pontos de vista de uma memória maior e coletiva que registrou um tempo, estabeleceu os marcos, elegeu o memorável de cada época. Também é válido observar que o resgate dessa memória, o acionamento dos mecanismos que cada indivíduo fará para acessar a sua memória pessoal são escolhas, até onde possível, particulares.

Somos resultado de uma somatória de fatores que nos vinculam a uma existência, temos nossas interações sociais, mas também temos nossa individualidade. E ainda que a nossa memória pareça não se compaginar, ou ser tributária de qualquer outra, ela há de estar inserida num mesmo tempo e, eventualmente, lugar que várias outras memórias visitaram ou em que viveram. De modo que a '*nossa memória*', que às vezes julgamos tão íntima e pessoal - única - é permeada pelas vozes que nos acompanharam no processo de arquivamento dos nossos registros memorialísticos, atestando seu caráter coletivo, sua feição de constructo social.

Indivíduos que já viveram um trecho considerável de tempo, que já foram atuantes em seu meio social, profissional e familiar, exercendo troca constante com as coletividades desses grupos, mas a quem aconteceu de a passagem do tempo e o peso dos anos afastar das atividades de antes; se a maturidade lhe pesa e dificulta ou impede uma vida mais ativa entre os de seus grupos, resta-lhe o posto irrevogável de guardião das memórias, de modo que o indivíduo de idade mais avançada exerce papel importante nos grupos sociais e familiares, na medida em que ele, valendo-se de suas experiências e lembranças, restabelece as histórias, aclara os fatos, relembra as origens e reorganiza os saberes, ou, nas palavras de Ecléa Bosi:

Há um momento em que o homem maduro deixa de ser um membro ativo da sociedade, deixa de ser um propulsor da vida presente de seu grupo: nesse momento de velhice social resta-lhe, no entanto, uma função própria: a de lembrar. A de ser a memória da família, do grupo, da instituição, da sociedade. (BOSI, 1994, p. 63)

É desta forma, ouvindo ou lendo os mais experientes que temos acesso a informações que nos confortam e atualizam sobre um tempo fora de nosso alcance. É o acesso à origem das situações presentes que, de algum modo, nos

explicam sobre o curso de nossas vivências no agora. As narrativas de memórias, ternamente trazidas, nos aproximam daquilo que não conhecemos como hábitos, estilos, modos de vida, casas, roupas, ligações familiares, sociais etc. e, por meio delas, garante-se a sobrevivência do passado.

Nas memórias de Vivaldo Coaracy, que são aqui objeto de estudo, o passado, ou antes, as memórias inertes ou aquelas formadas pelo hábito, como visto acima, são chamadas para a localização e identificação deste *eu* que se narra e se desvela. Do mesmo modo que nos ocorre a todos quando, em uma situação de interação, temos que nos apresentar a alguém, é pelo anúncio dos dados mais básicos que começamos: nome, filiação, escolaridade, informações sobre a infância e as primeiras impressões que tivemos do mundo. Ativa-se, assim, a memória habitual que nos coloca em relação ao outro.

É deste modo que o livro *Todos contam sua vida - Memórias de Infância e Adolescência* começa. Também é assim que ele prossegue, descortinando épocas pretéritas da vida do autor. Cenas da infância mais remota passadas na Rua do Resende, no Rio de Janeiro, que Vivaldo Coaracy chama de imagens imprecisas. Ele informa que a imprecisão destas cenas deve-se tanto à pouca idade que tinha na ocasião, quanto ao fato de que parte dessas lembranças podem advir de uma memória coletiva que “cresceu com ele”:

As reminiscências que guardo dos primeiros anos reduzem-se a poucos episódios ou cenas que me aparecem como quadro distintos, separados uns dos outros e sem conexão entre si. Desconfio de que a mesma coisa sucede, mais ou menos, com a maioria dos indivíduos. Com as lembranças e recordações posteriormente ouvidas, invocadas no círculo familiar, são aos poucos preenchidos os claros entre esses quadros, formando um tecido contínuo, cronologicamente arrumado. (COARACY, 1959, p. 4)

Por meio deste tecido cronológico o autor nos conta, por exemplo, sobre suas primeiras e mais remotas lembranças, localizando sua casa, sua filiação e o que ele aponta como a mais forte memória deste tempo - sua avó, fixada em duas cenas: na primeira a avó carinhosa e risonha, enchendo o neto de afagos e mostrando a lua ao neto e, na segunda, descrevendo o sorriso congelado e sereno da avó no caixão.

Na sequência Coaracy fala dos cachorros e gatos da família e dos endereços em que morou na sua infância, das brincadeiras e dos amigos desta fase, atualizando-nos, como cumpre às narrativas memorialísticas, sobre os hábitos, costumes e acontecimentos de data tão remota. Apresenta-nos Umbelina, uma “negra de aluguel” que é comprada por sua família para, em seguida, ser libertada e tornada em ama de *Vivaldinho*. Ao final destes primeiros capítulos, Vivaldo Coaracy anuncia: “Parece-me que de modo quase insensível aquele ambiente e os dias que nele vivi também concorreram de alguma forma para a formação daquilo que hoje sou” (1959, p. 17).

Progredindo na narração, Coaracy relata os ofícios de seu pai e de sua mãe, bem como o círculo de amizades destes, que contou com nomes como José de Alencar, Arthur Azevedo, Fagundes Varela, Monteiro Lobato, entre outros importantes nomes da vida cultural brasileira. E é assim que ao longo de *Todos contam sua vida - Memórias de Infância e Adolescência*, Vivaldo Coaracy vai desafiando suas memórias sem qualquer peso de dor ou de saudades irrecuperáveis, mas suave e ternamente compartilhando seu tempo desacelerado e suas experiências conquistadas.

Ainda que sua obra de memórias seja pouco ou nada conhecida do público, serve como exemplo de um gênero dotado de estatuto próprio, em que o narrador, no processo de narrar-se, traz à cena não somente o eu autobiográfico, mas todo um mundo que se perdeu a sua volta. Dividida em oito capítulos<sup>vi</sup>, as memórias de Coaracy resgatam um tempo menos apressado em que ruas, bairros e recantos do Rio de Janeiro de outrora são habitados pelas diversas pessoas que o ajudam a criar o *pequeno mundo* de suas memórias:

A convivência numa coletividade relativamente reduzida, em que todos diariamente entram em contato mais ou menos próximo uns com os outros e são levados a se medir e conhecer, equivale a uma ampliação do círculo familiar, doméstico. E assim se aprende a tolerância, às vezes com um sorriso de amistosa zombaria, para com as peculiaridades e esquisitices dos outros e a lenidade para julgar as fraquezas alheias. É certo que, em qualquer meio, sempre se encontram indivíduos azedos e ásperos de difícil convívio, que não sabem inspirar simpatias, mas também isso é educativo, pois ensina que, como lá dizem os ingleses, “é preciso toda a espécie de gente para formar um mundo”. Mesmo um pequeno mundo. (COARACY, 1959, p. 31-2)

Ao ministrar, no trecho em destaque, doses de *lenidade, simpatia, convivência e tolerância*, o memorialista utiliza da linguagem menos para compor um quadro topográfico da localidade, quando descreve Icaraí, bairro litorâneo de Niterói, que para prover seu texto de sabedoria: o efêmero da paisagem apresentado no segundo capítulo aparece contraposto ao ensinamento desse trecho, que se mantém perene e faz falta ao mundo apressado de hoje: as diferenças são necessárias.

Essas *Imagens imprecisas*<sup>viii</sup> da paisagem e das passagens que vivenciou são alicerçadas na precisa segurança de um narrador vivido e servem também para ler um Brasil que não é exatamente o dos livros de história, porque diz respeito tanto às transformações históricas quanto ao microcosmos de uma existência:

Trata-se apenas de descrever sumariamente, dentro do limitado quadro de uma experiência individual, alguns dos aspectos, neste nosso Brasil, da existência num mundo que se extinguiu, sob condições e conceitos que não mais vigoram. (COARACY, 1959, n.p.)

A retomada do passado sob forma confessional nas páginas de memórias de Vivaldo Coaracy traz à tona, de algum modo, uma diferente concepção da vida e do mundo que o narrador apresenta da perspectiva de um privilégio precioso, “como um porto de águas serenas, como um oásis de suave repouso, termo da jornada, por efeito da idade. É a sabedoria da velhice”(COARACY, 1959, n.p.).

## **Considerações sobre remates semelhantes vistos pela ótica de um tempo diverso**

Deve haver aqui perto uma roseira florindo,  
Não sei... sinto por mim uma harmonia,  
Um pouco da imparcialidade que a fadiga traz consigo.  
[...]  
Numa ternura que não é mais perigosa não, é piedade  
paciente.

Mário de Andrade<sup>ix</sup>

Não são diferentes entre si as considerações sobre a existência proferidas pelos autores Coaracy e Schmidt, sobretudo pela constância das reflexões descritas com *piedade paciente* ou com *a doçura dos que aceitam melancolicamente os cabelos que a lua*, ou a sequência de uma vida, *braquearam* em definitivo. Ainda que, grosso modo, haja mais tristeza nas páginas de memórias do autor de *Galo Branco*, em contraste com a alegre resignação das memórias de Schmidt, ambas as obras são memórias genuínas publicadas na metade do século XX, escritas como remate de uma existência por dois escritores nascidos no mesmo Rio de Janeiro.

Chama a atenção ao leitor de hoje menos a diferença entre as obras selecionadas que a diferença facilmente constatável entre elas e as memórias das duas décadas que inauguram o século XXI. Esses remates semelhantes empreendidos pelos dois memorialistas fluminenses são dotados do que hoje parece faltar ao mundo que habitamos: ternura, paciência, tristeza sem revolta, gratidão pela experiência vivida e reflexão sobre a existência em considerações destituídas de pressa. Suas obras lidaram com a tradição da escrita em forma de memórias, eternizando o passado sem congelá-lo, ao problematizar, sem pressa, por meio de linguagens ternas, o vivido de suas ficções.

Em *Dez considerações sobre o tempo*, a física Bodil Jonsson alerta que como o mundo de hoje se desenvolve num ritmo muito acelerado, ficou mais fácil “questionar os velhos modelos em vez de buscar interpretar cada situação nova com um olhar antigo” (JONSSON, 2004, p.105). Por essa opção, é fácil atestar uma defasagem de ritmo nas memórias anteriores à aceleração. Essa hipótese, contudo, não parece acertada na medida em que a singularidade das obras *Galo Branco* (1948) e *Todos contam sua vida - Memórias de Infância e Adolescência* (1959) não se alicerça por suas defasagens de ritmo, mas por serem capazes de expor, em suas autoficções, reflexões sobre o perene e o efêmero sem o atropelamento próprio de quem vive sem tempo.

Construir uma visão com relação à certa ideia de passado – espaço de experiências – ou em relação ao futuro – horizonte de expectativas, é o que a leitura das memórias promove, acrescentando sentido à reflexão de Jonsson:

Outrora, o tempo regulava o curso da natureza. O tempo era aquele meio maravilhoso de que a natureza dispunha para impedir que tudo acontecesse ao mesmo tempo. Hoje,

parece que essa propriedade do tempo desapareceu – tudo (ou quase tudo) acontece simultaneamente. A bota invisível, que outrora sabia distinguir entre o duradouro e o efêmero, esmagando dia após dia todos os achados, os resultados de pesquisa e as novidades, perdeu a sua função. Todas as nossas representações do futuro e da longa duração poderão se revelar vazias de sentido, pois a visão de futuro não dura mais muito tempo. (JONSSON, 2004, p. 26)

## Referências

ALVES, R. *O velho que acordou menino*. São Paulo: Planeta, 2005.

BOSI, A. *História concisa da Literatura Brasileira*. 52 ed. São Paulo: Pensamento-Cultrix, 2018.

BOSI, E. *Memória e sociedade: lembrança de velhos*. 2 ed., São Paulo: Companhia das Letras, 1994.

COARACY, V. *Todos contam sua vida - memórias de infância e adolescência*. Rio de Janeiro: José Olympio Editora, 1959.

DEGUY, M. A era do testemunho. Folha de São Paulo, São Paulo, Ilustrada. (disponível em <https://www1.folha.uol.com.br/fsp/ilustrad/fq1609200517.htm>; acesso em 24/09/2018).

GLEICK, J. *Acelerado: a velocidade da vida moderna/ o desafio de lidar com o tempo*. Rio de Janeiro: Campus, 2000.

HALBWACHS, M. *A memória coletiva*. São Paulo: Vértice, 1990.

JONSSON, B. *Dez considerações sobre o tempo*. Rio de Janeiro: José Olympio, 2004.  
SARLO, B. *Tempo presente: notas sobre a mudança de uma cultura*. Rio de Janeiro: José Olympio, 2005.

SIBILIA, P. *O show do eu: a intimidade como espetáculo*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2008.

SCHMIDT, A. F. *O galo branco: páginas de memórias*. Rio de Janeiro: José Olympio, 1957.

## ‘Notas de fim’

i Trecho do poema “Ternura”, da obra *Novos poemas* (1938), publicada no Rio de Janeiro pela editora José Olympio.

ii “Existe engajamento enquanto houver horizonte, enquanto acredita-se no “futuro radiante”. O testemunho é sempre de desgraças, catástrofes, extermínios. O engajamento intelectual pressupõe a existência e a energia da persuasão loquaz. [...] Mas o testemunho, verbal ou documentário, livro ou filme, tem força para persuadir a renúncia do horrível? Duvido. Quanto mais testemunhos, mais tristezas e mortes. [...] As palavras e mesmo as imagens esgotam-se ao testemunhar.” (Disponível em <https://www1.folha.uol.com.br/fsp/ilustrad/fq1609200517.htm>; acesso em 24 de set. de 2018).

iii Trecho do poema “Que lua embranqueceu...”, de Augusto Frederico Schmidt, publicado na obra *De Fonte Invisível* (1949).

iv Disponível em <http://academia.org.br/artigos/schmidt-o-brasileiro>, acesso em 10/10/2019.

v O conceito de extimidade é apresentado por Sibilia (2008) como um fenômeno contemporâneo ligado à exibição (inventada ou não) de si mesmo. Para a autora, há uma explosão de auto-relatos que está atrelada à extinção dos grandes relatos que deram sentido à vida moderna.

vi Aqui pensamos especialmente em *A memória coletiva*, de M. Halbwachs, publicada na década de 1950.

vii Os capítulos aparecem, no índice, nomeados e sem numeração: “Rua do Resende”; “Icarai”; “Minha Gente”; “O cônego Vivaldi”; “Ambiente da Infância”; “Orfandade”; “Colégios, Professores e Mestres” e “Da Rua do Ouvidor à Praia Vermelha”.

viii A expressão “Imagens imprecisas” (COARACY, 1959, p. 03) foi utilizada pelo autor a fim de nomear o primeiro subitem do primeiro capítulo dessas memórias em que.

ix Trecho do poema de Mário de Andrade intitulado “Momento”, da obra *Remate de Males*. Conferir em: ANDRADE. *Poesias Completas*. Belo Horizonte: Itatiaia, 1987.